

SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR,
REALIZADA NO DIA VINTE E DOIS DE ABRIL DE DOIS MIL E VINTE E
QUATRO -----

ATA NÚMERO DEZANOVE -----

(Mandato 2021-2025) -----

----- Aos vinte e dois dias do mês de abril de dois mil e vinte e quatro reuniu, nas instalações da Sociedade Boa União, sitas no Beco das Cruzes, número nove, em Lisboa, a Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior, sob a presidência do seu Presidente efetivo, Sérgio Rui Lopes Cintra, coadjuvado pela Primeira Secretária em exercício, Cláudia Maria Veloso Antunes Vieira, e pelo Segundo Secretário, Carlos Alberto de Jesus Oliveira. -----

----- Assinaram a “Lista de Presenças”, para além dos mencionados, os seguintes Membros: -----

----- **Do Partido Socialista (PS):** – Carlos Manuel Afonso Bode Dias Torres, Zulmira Guterres dos Santos, José Fernando de Almeida Louro e Maria Cristina de Jesus Correia de Aboim Pais. -----

----- **Do Partido Social-Democrata (PSD):** – Sandra Regina Mendes Campos Luís Gadanho. -----

----- **Do Partido Comunista Português (PCP):** – Maria de Lurdes de Jesus Pinheiro. -

----- **Do Partido Ecologista “Os Verdes” (PEV):** - Marco Alexandre Cristos Costa.---

----- **Do Bloco de Esquerda (BE):** - Catarina Bendito de Medeiros. -----

----- **Independente (IND):** Jorge Manuel Madrugo Garcia. -----

----- Faltaram à reunião os seguintes Membros: -----

----- Maria Filomena Dias Moreira Lobo, que justificou a sua ausência e foi substituída por José Louro. -----

----- Clementina Augusta da Silva Pereira Vasconcelos Maia, que justificou a sua ausência e foi substituída por Maria Cristina Pais. -----

----- Lourenço Paour Miguel Costa. -----

----- Hugo Ricardo Ladeiro Ferreira Duarte, que justificou a sua ausência e foi substituído por Marco Costa. -----

----- Às dezoito horas e trinta minutos, constatada a existência de *quórum*, o **Senhor Presidente da Assembleia declarou aberta a reunião.** -----

----- **Ponto único – Sessão solene comemorativa do 50º aniversário do 25 de Abril de 1974;** -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia:** -----

----- Boa noite a todos e a todas. Agradecer também àqueles que potencialmente nos podem estar a ver através do facebook, que tanta luta deu e finalmente conseguimos, temos também que o privilegiar e divulgar. -----

----- A nossa sessão de hoje, comemorativa dos 50 anos da Revolução de Abril, tem e está associada à ideia do “Foi Aqui”. Foi a identificação que o Executivo da Junta de Freguesia encontrou para nos unir todos à volta desta, que é uma das maiores conquistas que a geração dos meus pais conseguiu proporcionar à minha geração. -----

----- Eu digo a geração dos meus pais porque praticamente todos os líderes do Movimento das Forças Armadas eram jovens, que ainda não tinham sequer 30 anos de idade. Salgueiro Maia tinha 27 anos quando comandou o pelotão dele ... se é que garantiu que o 25 de Abril encontrasse raízes em todo o território nacional, incluindo os Açores e na Madeira, foi através da ação que nós hoje estamos aqui a representar através do poder autárquico. -----

----- Se não fosse a capacidade única do poder autárquico conseguir abraçar e procurar em todos os seus territórios ser a voz das ambições, ser a voz dos anseios, daqueles e

daquelas que durante as últimas décadas foram obrigados a fugir ou procurar exílio no estrangeiro, seja por uma via para numa primeira circunstância tentar evitar que fossem para as colónias combater uma guerra injusta, uma guerra que não lhes dizia nada e que, na maior parte das vezes, até consideravam que a ambição era exatamente aquela ambição que eles desejavam no seu quilómetro quadrado continental e que não lhes era permitido.

----- Portanto, por tudo isto e não querendo ser maçador, se há forma de nós homenagearmos Abril é continuarmos a exercer o nosso mandato, primeiro garantindo que as nossas diferenças podem ser transmitidas; segundo, mantendo a mesma preocupação do primeiro dia de Abril, do dia 25. É que qualquer das lutas tem sempre um rosto, mas há um momento em que o rosto, que é do Movimento das Forças Armadas, é ganho e conquistado por toda a população. -----

----- Se calhar, eventualmente é excesso meu, foi no momento em que um cidadão junto à câmara e junto ao microfone da reportagem da Emissora Nacional, quando estão a perguntar, salvo erro ao porta-voz do movimento, se aquela era uma reforma, se aquela era uma revolução dos militares, há um jovem que diz “não, não é dos militares, é do povo.” -----

----- E foi nesse momento que, ouvindo e sentindo a preparação que ocorre, tem relatos absolutamente extraordinários. Se calhar o mais extraordinário deles todos é um episódio que não tem importância, mas que ainda demonstra que apesar de terem vindo para Lisboa, nem todos sabiam exatamente o que é que vinham fazer cá. Porque admitir que uma comitiva, que uma parada militar para num semáforo vermelho já dentro da Cidade de Lisboa é algo que, em circunstâncias normais, nenhuma outra revolução poderia permitir.-----

----- Não sei se aquele foi o momento que fez a diferença, mas foi o momento a partir do qual a voz de comando, na altura de Salgueiro Maia, disse “daqui até à Baixa não há mais vermelhos nenhuns”. Tocavam as sirenes dos BRB e foi em direção à liberdade que eles caminharam e a liberdade foi conquistada por todos aqui. E é aqui que eu quero agradecer também ao Executivo por hoje nos possibilitar estar a fazer a diferença. -----

----- Eu, como vos enviei, há um conjunto de intervenções, não fazendo distinção, criámos uma organização em que todos têm cinco minutos para poder intervir. Eu irei ser tolerante, porque Abril também nos ensinou esta tolerância na diferença, mas peço que não se alonguem para lá dos sete ou oito, ou dos nove ou dos dez, porque em Abril ninguém corta a palavra a ninguém. -----

----- Muito obrigado.-----

----- **Eleito Marco Costa (PEV):** -----

----- Boa tarde a todos. Desde já a honra é minha de estar presente e cabe-me a mim, em nome do Partido Ecologista “Os Verdes”, saudar esta comemoração do cinquentenário do 25 de Abril de 1974, que sendo um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal, marca o derrube da ditadura fascista e a conquista dos direitos políticos, sociais, ambientais, económicos e culturais que a Constituição da República veio a acolher e que representaram o tão desejado e até então eternamente adiado desenvolvimento do nosso país. -----

----- Ora, o fascismo, como bem sabemos, foi miséria. Foi fome, repressão, guerra, condições de vida degradantes, entre as quais o analfabetismo que a tantos marcou. ----

----- A revolução dos cravos veio finalmente devolver ao povo a esperança, a possibilidade de construir o seu próprio futuro, pôr fim à guerra colonial, trazendo a paz e ensinou-nos então a valorizar a justiça social, contribuindo de forma determinante para a construção do poder local democrático. -----

----- Vendo-nos hoje confrontados, uma vez mais, com os que tentam pôr em causa o verdadeiro significado e alcance do que é fazer cumprir Abril e do que tal representa ainda

hoje para o povo português, é ainda mais importante celebrar, reafirmar e aprofundar o que foram as suas conquistas. A criação do Sistema Nacional de Saúde, a educação pública, o direito à habitação, os direitos laborais, o direito à igualdade, à proteção social, à cultura, ao ambiente e à participação cívica. Aliás, aqui tão bem representada.-----

----- É pois, no contexto atual, essencial reforçar a convicção e a determinação de que não são admissíveis recursos no caminho da paz, do desenvolvimento, da sustentabilidade, da democracia, da igualdade e da solidariedade, pois estes desígnios mantêm-se fundamentais e indispensáveis. -----

----- Assinalar o cinquentenário da revolução dos cravos é também não esquecer, é prestar a devida homenagem a todas as mulheres e homens que lutaram contra o regime fascista, construindo o 25 de Abril, e a todos os que continuam a lutar por melhores condições de vida, por um país mais democrático, mais justo, solidário, desenvolvido. -----

----- Não pode deixar de ser ainda o reafirmar o combate aos discursos e atitudes discriminatórias e antidemocráticas que incentivam o ódio e a exclusão, situações que nenhum democrata pode aceitar e que não têm lugar num Estado de direito democrático. Tudo o que hoje ainda vivemos nos convoca a defender a paz, a liberdade, a igualdade, os direitos humanos, a tolerância e a democracia.-----

----- Enquanto assim for, nunca o 25 de Abril será passado a uma data simbólica meramente. Continuará, sim, a ser um processo vivo de transformação social que, indelevelmente, marca o nosso presente e, certamente, com o contributo de todos nós, marcará o nosso futuro. -----

----- Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade!-----

----- **Eleito Jorge Garcia (IND):**-----

----- Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior, Senhor Presidente do Executivo, Vogais do Executivo, Membros da Assembleia de Freguesia, convidados. -----

----- Com esta cerimónia solene celebramos o quinquagésimo aniversário do 25 de Abril, uma data histórica que faz parte da vida de muitos de nós e que, para a maioria dos portugueses, é o momento da transição entre uma forma autoritária de organização da sociedade e uma forma democrática. O 25 de Abril trouxe a liberdade, abriu caminho para a democracia e gerou expectativas de desenvolvimento social e económico. -----

----- Passados 50 anos do 25 de Abril, prosseguimos entre a reinvenção sonhada das conquistas significativas realizadas e os sobressaltos de algumas crises. Momento de homenagear os militares de Abril, os militares de Novembro e todos os que serviram à democracia. -----

----- Comemorar Abril é evocar os valores da liberdade, igualdade e solidariedade social. Celebrar Abril é recordar o comício da liberdade na Alameda a 19 de Junho de 1975. Celebrar Abril é recordar as primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte e Assembleia Legislativa, o primeiro Presidente da República eleito por sufrágio universal, o primeiro Governo Constitucional. -----

----- Celebrar Abril é assinalar o 12 de Dezembro de 1976 como marco histórico da exaltação e valorização do poder local. As primeiras eleições autárquicas iniciaram um processo estruturante inacabado para que se prossiga numa maior e mais profunda reforma do Estado. -----

----- O poder local democrático, pelas suas realizações, resultou na maior conquista do 25 de Abril, sendo das mais genuínas concretizações da ideia de democracia participativa e da proximidade dos eleitos aos eleitores. -----

----- Passados 50 anos, a descentralização continua a ser um enorme desafio e deverá constituir um desígnio nacional. Neste âmbito, aproveitamos esta oportunidade para saudar a recente proposta da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior para a criação de

um programa de arrendamento acessível no nosso território. O regresso ao bairro é um exemplo do muito que poderemos fazer se dotados de competências e cabimento orçamental. -----

----- Celebrar Abril é evocar a assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia a 19 de junho de 1985. A Europa enfrenta hoje enormes desafios estratégicos: Segurança, defesa e apoio à Ucrânia, autonomia energética com fontes mais sustentáveis, migrações, alargamento, resiliência e competitividade dos seus Estados membros. A economia europeia terá de libertar-se do determinismo da geofinança e da excessiva globalização. Os decisores políticos europeus terão de emendar os desvios assentes na economia especulativa, desindustrialização e deslocalização. -----

----- A Europa precisa retomar o crescimento económico e as políticas de bem-estar para as pessoas. Acreditamos no projeto europeu e nos seus valores fundacionais de estabilidade, paz e desenvolvimento. Numa hierarquia de potências, Portugal tem hoje mais poder no cenário internacional depois da integração europeia. -----

----- Celebrar Abril é também evocar o centenário do nascimento de Mário Soares, nele personificando todos os que combateram pela liberdade e a insubmissão perante a injustiça. Celebrar Abril é recordar a resistência à ditadura e aos amanhã cantantes totalitários. Celebrar Abril é prosseguir a caminhada pela liberdade e o robustecimento socioeconómico.-----

----- Celebrar Abril é persistir na revolta perante a injustiça e todas as ditaduras. Celebrar Abril é evocar aquela noite fria em Coimbra, da minha Académica, reafirmando as palavras do poeta, “mesmo na noite mais triste em termos de servidão, há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não”. -----

----- Honremos os 50 anos de Abril, continuando a construir a democracia, permanecendo livres a habitar a substância do tempo e a cantar a liberdade. -----

----- **Eleita Catarina Medeiros (BE):** -----

----- Boa tarde, excelentíssimos Senhores da Mesa da Assembleia, Senhor Presidente da Junta e representantes do Executivo e todas e todos os presentes.-----

----- Comemoramos os 50 anos do 25 de Abril de 1974, um dos momentos mais marcantes da nossa história coletiva. É importante como data simbólica, mas também como um processo de transformação social que modelou o nosso presente. -----

----- 1974, no dia 25 de Abril, o país mudou de regime, o povo saiu à rua, acabou com uma ditadura que, assente na violência e na repressão policial, durava há 48 anos. Os presos políticos foram libertados, a PIDE foi extinta, a censura que escondia a corrupção e a miséria foi abolida. Acabou a guerra colonial, onde morreram e ficaram feridos milhares de jovens portugueses e africanos. Os partidos políticos, os sindicatos e as comissões trabalhadores passaram a existir. Os professores e estudantes deixaram de ser expulsos das escolas por motivos políticos. -----

----- “O dia inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio”. Nas palavras de Sophia de Mello Breyner, trouxe a democracia. Pela primeira vez, milhões de pessoas passaram a poder votar nas eleições logo em 1975. E a liberdade conquistada deu muita força às lutas, pela habitação digna, pelo acesso ao ensino, pela criação do Serviço Nacional de Saúde, pelo salário mínimo, pelas pensões de reforma e por uma Constituição democrática e progressista. -----

----- Em 12 de dezembro de 1976 realizaram-se as primeiras eleições democráticas para três órgãos autárquicos, Assembleia de Freguesia, Assembleia Municipal e Câmara Municipal. Foram mais de 70 mil os candidatos efetivos e suplentes. Votaram 4.170.494 eleitores, quase 65% dos inscritos. -----

----- Nestes 50 anos após o 25 de Abril vários anseios populares não foram ainda concretizados. A falta de habitação ainda não foi resolvida. O Serviço Nacional de Saúde,

apesar de progressos como a diminuição da mortalidade infantil, não conseguiu evitar que 4 em cada 10 euros do orçamento de saúde vai para privados. As convenções coletivas abrangem menos de um terço dos trabalhadores assalariados. Persiste a violência contra as mulheres. O trabalho precário é a realidade para milhares de jovens. -----

----- As instituições públicas têm estado demasiado ausentes nas respostas sociais à desigualdade e à pobreza. A regionalização prevista na Constituição não foi concretizada. As autarquias continuam sem os meios financeiros necessários para desempenhar bem as suas crescentes competências.-----

----- Hoje, quando em Portugal e outros países continua a exploração, a desigualdade, a xenofobia, a intolerância e o racismo, o ataque aos direitos das mulheres, é tempo de lembrar todas as lutas que foram feitas para alcançar a liberdade e a democracia.-----

----- 50 anos depois daquela manhã libertadora, não podemos resignar-nos ou aceitar o que está por cumprir de Abril. Para alcançarmos um mundo novo com o que sonhámos há 50 anos, é tempo do povo lutar pela igualdade, contra as discriminações, pelo aprofundamento da democracia e dos direitos para todas e todos.-----

----- O 25 de Abril assim o exige. -----

----- **Eleita Sandra Gadanho (PSD):** -----

----- Boa tarde a todos. Agradecer este convite para estar hoje aqui na Assembleia de Freguesia. Cumprimentar o Senhor Presidente da Mesa, o Senhor Presidente da Junta de Freguesia e na pessoa deles cumprimentar todo o Executivo e toda a Assembleia, os Membros da Assembleia e todos os presentes. -----

----- Obrigada por esta oportunidade, porque é muito importante celebrar o 25 de Abril. Foi uma revolução, eu era um bebé de um ano, andei às cavalitas do meu pai, que é um ex-combatente, e foi muito importante. -----

----- Eu fui uma criança educada numa espécie de uma cooperativa de ensino na Fundação Júlia Moreira, que era da Santa Casa da Misericórdia. Portanto, acompanhei as cantigas das gaivotas, todo o musical. Toda a nossa família, apesar de ter um pai mais PSD, uma mãe mais PS, tive várias influências e a minha família também não era toda nem de centro-direita, nem de esquerda. Era assim uma mistura de gente cheia de vontades.----

----- A minha tia, a irmã da minha mãe, fez campanhas de alfabetização na Beira, na zona de Viseu, aquilo foi um território complicado. Portanto, há montes de histórias que nos contavam ao jantar, quando nos encontrávamos nas férias. -----

----- Portanto, para nós, para a minha geração, às vezes o 25 de Abril é assim uma espécie de manancial de romantismo e de adrenalina e de pais jovens que tinham filhos muito cedo, é assim uma festa. Normalmente o 25 de Abril era sempre uma data bastante importante e descíamos a Avenida.-----

----- Mas o 25 de Abril é um momento na nossa história extremamente interessante. Por portas travessas e caminhos em curvas, eu que sou arquiteta, fui parar a um doutoramento de arquitetura militar. Devido aos incêndios de Pedrogão, fui à procura de estudar de forma científica o território, de outra forma que os arquitetos normalmente não estudam. Cheguei a ir ao ISA, a pedir aconselhamento e acabei por parar num doutoramento, ainda não completei, ainda estou a meio, em arquitetura militar, porque andava à procura de abrigos para as pessoas para enfrentar fenómenos extremos. -----

----- Depois as pessoas vão estudando, vão investigando, os sistemas vão abrindo, vão afunilando e fui parar ao Arquivo Histórico Militar. E nesse Arquivo Histórico Militar, que é aqui na nossa Freguesia, encontrei informação já desclassificada, muito interessante, e em conjunto com a Fundação Mário Soares consegui, talvez consiga chegar a alguma formulação, mas há dados muito interessantes, há toda uma década de trabalho e de forças e de influência geopolítica que convergiram para o 25 de Abril.-----

----- O 25 de Abril não é um momento só espontâneo e só de amor e de revolta. Há um

lado invisível desse caminho, muito interessante. No âmbito do meu trabalho levámos associações de base local à Casa Carlucci, onde é agora a Embaixada dos Estados Unidos e também se contaram histórias e relatos, que também vêm dessa investigação, dessa abertura de arquivos, e há uma história muito engraçada. Não vou revelar essa história, mas a certa altura temos, isto é público, Mário Soares foi das pessoas mais importantes para hoje em dia termos uma democracia e não termos um regime totalitário a seguir essa revolução. -----

----- Houve muitas reuniões na casa das máquinas da embaixada americana, para eles não serem escutados, porque havia escutas e, portanto, há histórias superinteressantes a enriquecerem a nossa história e que ainda se podem vir a contar, é muito interessante. Estas coisas não são nada simples, não são nada só aquilo que parecem e esse lado invisível também é muito interessante. -----

----- Mas hoje é dia de festa, daqui a poucos dias será um dia de festa e é um momento de saudar toda a gente, incluindo os militares. Também estive a ouvir o General Ramalho Eanes ontem no telejornal e ele estava a revelar, estava a dizer uma coisa que me afeta muito, afeta-nos a todos, como é óbvio, que essa promessa de a pobreza e a miséria, era pujante, era uma coisa muito forte, com uma escala muito grande no país, nesta altura estamos a celebrar os 50 anos e ainda há miséria e ainda há pobreza. -----

----- Não é a mesma escala, mas nós temos um índice de pobreza muito elevado, muita gente ainda com muitas desigualdades, o tipo de pobreza educacional é impressionante. Ainda há muito trabalho a fazer e, portanto, é bom às vezes nós vemos onde é que falhámos, o que é que pode ser melhorado, dizer a verdade às pessoas, sempre com muita verdade e quanto mais falado, melhor. -----

----- Outra coisa muito importante que o 25 de Abril nos trouxe são os processos participativos. Isto também foi um caminho ao longo destes 50 anos, não foi sempre assim. Agora vamos todos fazer processos participativos a partir das primeiras eleições autárquicas, não foi bem assim. Portanto, há aqui um caminho que é feito no processo democrático, a todos os níveis, mas esta escala da proximidade, o poder autárquico é aquele que tem usufruído mais desses processos participativos. -----

----- São processos altamente técnicos, com pessoas que tiram licenciaturas e que estavam habituadas a fazer, são os atos próprios da sua profissão, reúnem e decidem na sua esfera de competências técnicas e depois com as políticas e não havia *top-down*. Agora os processos participativos são muito *bottom-up*, nós estamos sempre como esponjas a querer saber diretamente, com mediação, mas querer saber diretamente, independentemente de quem é eleito, diretamente nas pessoas, na esfera civil, o que é que elas pensam sobre determinados assuntos e contributos, porque às vezes, por melhores intenções que nós tenhamos, somos sempre nós e as nossas circunstâncias. -----

----- Portanto, às vezes ouvir diretamente por exemplo um conselho de cidadãos é uma coisa riquíssima. Às vezes há coincidências, coincidem mesmo com aquilo que estamos a pensar, ou a trabalhar sobre, mas como não estamos ainda a comunicar as pessoas já estão a antecipar, “sim, mas nós estamos a fazer isso”, mas não estão a comunicar. -----

----- Há aqui um trabalho muito rico e que eu acho que a democracia está a fazer. A nossa democracia ainda está a crescer e a amadurecer, no melhor dos sentidos. A monitorização das instituições também é muito importante, a transparência é das coisas mais importantes que o 25 de Abril nos garante, de facto, além do Estado de Direito, é a igualdade de oportunidades. -----

----- Não é para concorrermos para a igualdade, não há igualdades, somos todos diferentes, há coisas que são comparáveis e há coisas que não são comparáveis, mas a igualdade de oportunidades é que tem que estar assegurada. Temos que assumir que não

está, devido ao que eu disse anteriormente em relação à pobreza e à iniquidade, mas tem que haver equidade, não é igualdade. -----

----- O sistema democrático é extremamente pesado, eu quando falo do invisível falo de toda uma estrutura institucional de serviços, de trabalho feito, que as pessoas às vezes parecem que não veem. Às vezes não é por ingratidão, é porque o que é preciso fazer, o esforço que é preciso fazer para às vezes entregar serviços nacionais de saúde, de educação, de habitação, tudo isso, habitação pública, às vezes há um trabalho imenso que as pessoas às não estão a ver logo, então quando mete obras e edifícios e urbanismo demora imensos anos até se chegar a ver alguma coisa, muitos anos de projetos. -----

----- Esta defesa das instituições, nós precisamos dela mais que nunca, combater os populismos é extremamente importante, mas acho que também se não nos aproximarmos mais das pessoas, se não entrarmos nos processos participativos, os populismos vão aumentar, porque as pessoas não se sentem ouvidas e está muita pobreza, ordenados muito baixos. Portanto, nós temos que defender a democracia com essa igualdade de oportunidades e com reformas. Não dá mais para aguentar, as pessoas têm que ganhar melhor, pagar menos impostos, mas há coisas para fazer, são precisos impostos para entregar esses serviços, não há “omeletes sem ovos”. -----

----- Nós precisamos muito da solidariedade europeia, precisamos muito da solidariedade da NATO. Há pouco o nosso companheiro aqui refletiu e bem, mas era o trauma da guerra colonial, obviamente, muitos anos, mas nós não nos podemos esquecer que nós pertencemos à Europa. A Europa neste momento tem uma guerra e estamos há muito tempo em paz, felizmente, mas a manutenção da paz não é garantida. Ou seja, nós temos todos os dias que trabalhar nessa manutenção da paz. -----

----- O 25 de Abril para mim é esta oportunidade de estar aqui a participar deste processo e de pertencer a uma Assembleia de Freguesia onde eu posso falar livremente e pensar de forma diferente dos meus companheiros. -----

----- Obrigada. -----

----- **Eleita Maria de Lurdes Pinheiro (PCP):** -----

----- Senhores Eleitos da Assembleia, Senhor Presidente da Junta e restante Executivo, público presente. -----

----- No dia 25 de Abril de 1974 o povo português emergiu de uma criminoso ditadura fascista. Foram 48 anos de brutal repressão e violência, prisões, negação de liberdades, atraso económico, social e cultural, analfabetismo, imigração em massa, graves desigualdades sociais, corrupção ao mais alto nível, discriminação das mulheres na vida e nas leis, guerra e isolamento internacional. Tudo isto foi imposto ao povo para bem da fortuna e da opulência de uma pequena minoria. -----

----- Comemoramos 50 anos de democracia e de liberdade, meio século desde o fim desta ditadura fascista. Comemoramos também 50 anos de paz, porque o 25 de Abril veio acabar com a guerra colonial, que ceifou muitos milhares de vidas e deixou marcas indestrutíveis na juventude. -----

----- Celebramos o ato generoso e valoroso com que os Capitães de Abril abriram as portas à liberdade e à democracia. A eles renovamos o nosso apreço e gratidão. -----

----- Celebramos o amplo e vigoroso movimento popular que logo irrompeu e transformou em revolução aquele levantamento militar libertador. Com a revolução o povo conquistou as liberdades democráticas, os direitos de associação, de manifestação, de constituição de partidos políticos, as eleições livres, liberdade sindical, o direito à greve, à contratação coletiva livremente negociada. -----

----- Com a revolução conseguiu-se melhorar muitas condições de vida dos trabalhadores e do povo, foi instituído o salário mínimo nacional, houve aumento real dos salários, das reformas e das pensões mínimas. -----

----- Com a revolução cresceu um movimento que culminou na criação legal do Serviço Nacional de Saúde, geral, universal e gratuito. Alargou-se e melhorou a segurança social. Avançou-se a passos de gigante no acesso ao ensino e à educação. -----

----- Trata-se de conquistas essenciais nos dias de hoje e que são um ponto de partida para os novos avanços. Por isso, continuamos a defendê-las contra aqueles que querem levar mais longe a sua destruição, mas também contra a mentira e a falsidade daqueles que querem reescrever a história para desvalorizar e liquidar Abril e os seus novos valores. -----

----- Os valores de Abril são a dignificação e a valorização do trabalho e dos trabalhadores. São os direitos sociais universais, como a saúde, a educação, a proteção social, a cultura. Os valores de Abril são a paz e a independência nacional. -----

----- Os valores de Abril estão inscritos na Constituição da República, que tem sido desrespeitada e pervertida praticamente desde a sua promulgação. Contra os valores de Abril foi desenvolvida a política de direita pela mão dos governos sucessivos, ora do PSD, ora do PS, em consequências negativas na vida na maioria do povo português. -----

----- Essas consequências negativas estão bem expressas em problemas que se prolongam no tempo e hoje subsistem. Baixos salários, baixas reformas, empobrecimento de largas camadas da população, precariedade de emprego, agravamento da exploração e das desigualdades, graves déficits estruturais com relevo para o produtivo, deterioração e destruição dos serviços públicos, especialmente a saúde, submissão do país às grandes potências e aos seus interesses. -----

----- O poder local democrático, uma das mais lindas conquistas de Abril, nunca chegou a ver a sua importância reconhecida pela administração central, que nele descarregou competências sempre sonhando os meios necessários. As Freguesias foram seriamente afetadas com a reforma administrativa, consumada em 2013 pelo PS e pelo PSD. Foi um grande golpe nos serviços públicos de proximidade. -----

----- A revolução não pode ser responsabilizada por problemas que têm a sua origem na decisão e na ação de quem lidou e governou ao arripio dos valores de Abril e contra as suas conquistas. Mas é por este caminho que agora o Governo do PSD e do CDS quer acelerar, assente num projeto que tem a marca das desigualdades e do favorecimento dos grupos económicos. Neste projeto convergem o IL e o Chega, enquanto o PS surge demissionista e assim facilita a sua concretização. -----

----- Neste tempo de comemoração falamos da necessidade de abrir um novo ciclo, como se tivesse terminado o ciclo da revolução de Abril. Querem fazer de Abril uma coisa do passado, que é um objetivo perseguido há muitos, porque assim falamos. Ao contrário do que esses pretendem, o que se impõe hoje é fechar o ciclo da ofensiva contra Abril, para dar resposta aos problemas do povo e do país. -----

----- Neste tempo de comemoração, o revanchismo reacionário e fascizante que tem no Chega o seu rosto mais visível aparece a falar grosso. Pretendem transformar os seus desejos em realidade. A grande força de Abril tem fortes raízes no povo e derrotará os apologistas do passado. -----

----- Quem combateu o fascismo? Quem fez a revolução? Quem com ela tanto beneficiou? Quem resistiu aos ataques e defendeu cada uma das suas conquistas? Quem vê nos valores de Abril o futuro de Portugal? Quem não desiste da democracia, do progresso e da justiça social? -----

----- Todos e muitos mil que somos para defender Abril estaremos nas ruas, por todo o país, a reafirmar que Abril vive e viverá e a gritar bem alto que Abril é mais futuro. -----

----- 25 de Abril sempre, fascismo nunca mais e a luta continua! -----

----- **Eleito Carlos Dias Torres (PS):** -----

----- Boa tarde, Senhor Presidente da Assembleia, caros colegas da Mesa da Assembleia, restantes elementos desta Assembleia, Senhor Presidente da Junta, Membros do Executivo da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior. É com enorme prazer que estou aqui presente hoje, nesta cerimónia importante que marca os 50 anos do 25 de Abril.---

----- Hoje estamos aqui reunidos e o desafio que vos lanço é um desafio a recordar, o quão importante é nos dias de hoje recordar os 50 anos do 25 de Abril, o quão importante é recordar a democracia, o quão importante é termos o 25 de Abril sempre presente. -----

----- Eu, orador para vocês todos, para os que estão aqui presentes e para os que estão online, tenho o privilégio e quase vantagem de ter vivido sempre em democracia, em liberdade, numa sociedade livre, onde se procura a igualdade e a fraternidade entre todos os seres humanos, mulheres e homens, obviamente.-----

----- O 25 de Abril representou a rotura de um período de ditadura, o mais longo na nossa República. Um período de ditadura de 48 anos numa República de 114 anos. Onde tivemos três Repúblicas. -----

----- A 1ª República, 16 anos, a ditadura, uma revolução, uma ditadura militar e o Estado Novo, que ocupou a nossa vida durante este longo período. Um período de opressão e de perseguição. É importante recordar e este é o exercício que eu vos trago aqui. -----

----- É importante recordar que durante esse período, antes do 25 de Abril, durante o Estado Novo, era proibido beber coca-cola, era censurada a imprensa, os jornais, as revistas, as peças de teatro, o filme, a televisão, era tudo censurado. Havia o conhecido lápis azul. Era proibido usar isqueiros, era proibido casar com uma professora, era proibido andar de bicicleta sem licença, era proibido beijar em público. Era proibido, era proibido, era proibido. -----

----- Eu tenho aqui uma lista enorme nesta súmula. Nunca mais termina e não vos vou maçar com isto, mas uma coisa era certa, não existia liberdade. Não havia atividade política, não havia atividade associativa, sindical. -----

----- Havia presos políticos, 163 pessoas, homens e mulheres, foram libertadas no dia 26 de Abril só da prisão de Peniche e da prisão de Caxias. Durante anos houve um nome que eu retive quando estive a preparar esta apresentação hoje, que era Dias Lourenço. No dia 26 de abril essa pessoa deve ser lembrada, pois essa pessoa esteve 17 anos presa por razões políticas. Nós hoje não nos podemos esquecer e devemos lembrar que estamos aqui todos reunidos por uma razão política.-----

----- Havia prisões no continente, havia prisões em Cabo Verde, em Timor-Leste. Havia prisões da PIDE por todo o lado. Só entre 1936 e 1939 foram presas 9.574 pessoas. Segundo Irene Pimentel, foram presas durante o período da ditadura, de 1926 a 1974, 30.000 pessoas. -----

----- Na Constituição não eram garantidos os direitos dos cidadãos. Mantinha-se uma guerra colonial em que estávamos praticamente isolados, essa guerra colonial isolava-nos internacionalmente. Não era de desprezar. -----

----- É importante recordar que os portugueses depois do 25 de Abril passaram a ter liberdade, democracia, direitos e garantias. Passaram a ter o Sistema Nacional de Saúde muito bem construído, porque isso não existia antes do 25 de Abril. -----

----- É importante recordar que era proibido falar de vários temas, principalmente sobre política. Não havia meios de comunicação social livres. -----

----- É importante recordar que temos uma democracia há 50 anos e esta é uma democracia que é jovem. Eu próprio ainda não tenho 50 anos e considero-me jovem. --

----- É importante recordar quem lutou contra o Estado Novo na nossa Freguesia. É importante recordar que muitos intelectuais e pessoas importantes da nossa Freguesia, das artes plásticas às letras, que congeminaram e conspiraram pela liberdade e pela democracia durante mais de meio século nos nossos cafés da Baixa Lisboeta, no Chiado,

e aos estivadores e aos trabalhadores, às peixeiras, aos músicos do fado e de outras artes, homens e mulheres que nos nossos bairros de Alfama, Mouraria e Castelo participaram na oposição e muito contribuíram para a queda do regime. -----

----- A oposição sofreu muito durante esse período com as perseguições e a repressão da PIDE-DGS e a política do Estado Novo e por isso optaram pela clandestinidade. -----

----- É importante recordar que foi na nossa Freguesia, que na minha opinião e acredito que também dos meus colegas de bancada, aconteceram três factos que eu gostava aqui de partilhar com vocês, que são três factos que eu considero extremamente importantes.

----- Um dos primeiros, que é do conhecimento geral, obviamente, foi a ocupação pelo Movimento das Forças Armadas, chegada à Praça do Comércio, ao Terreiro do Paço, da Escola Prática de Cavalaria de Santarém com cerca de 220 militares, comandada por Fernando Salgueiro Maia, capitão, pelo capitão Mário Tavares de Almeida, pelo tenente Alfredo Correia Assunção e pelo tenente Rui Santos Silva. -----

----- Esta era a principal praça do poder político do Estado Novo. Na minha opinião, o primeiro momento e o mais crítico de todo o processo revolucionário realizou-se aqui. Foi nesta praça que Salgueiro Maia e os outros elementos do exército português, do Regimento de Cavalaria 7, conseguiram derrubar o poder, ocupando a praça onde se encontrava o Ministério do Exército e o Ministério da Marinha, através dos quais o regime podia interferir na ação militar. Após isto, foi possível conquistar outros objetivos, como a ocupação do Banco de Portugal, a ocupação da Rádio Marconi. As comunicações do MFA, entre outros, puderam avançar. -----

----- Outro momento crítico e que eu gostava de vos aqui realçar foi o momento da ação da fragata Almirante Gago Coutinho, que aqui gostava de recordar também. Foi um momento crítico da revolução, foi um momento que nós hoje comemoramos, que foi o momento em que a fragata que estava a serviço da NATO avançou para o Tejo e, recebendo ordem do vice-almirante do Estado-Maior da Armada, optou por abandonar a formação da NATO e vir para o Terreiro de Paço. O comandante do navio, o então comandante António Seixas Louçã, garante que foi o próprio a opor-se às ordens e foi o primeiro a mandar levantar as peças de artilharia e assim garantir que o 25 de Abril seguisse o seu rumo. O próprio comandante dera ordens a cancelar a intervenção. -----

----- Ainda no dia 25 de Abril, às dez horas da manhã, houve uma segunda intervenção de um militar de alta patente das Forças Armadas, o Brigadeiro Junqueira, que também teve intervenção no papel da Cavalaria 7. Todo este processo se deu na nossa Freguesia, todo este processo esteve implantado na nossa Freguesia. Depois de muitas negociações, avançou então a Cavalaria 7 para o Carmo. -----

----- Aí é o segundo ponto que eu gostava de realçar neste processo de recordar o 25 de Abril. É importante que o impasse que aconteceu no Comando-Geral da GNR resultou na rendição de Marcelo Caetano e dos outros ministros e adjuntos que o acompanhavam. Este processo de recordar é importante, digo-vos eu, porque o governo foi para o exílio e é um momento simbólico da queda do regime. -----

----- Mas mesmo assim, e trazendo aqui nesta súmula o que se passou no 25 de Abril, eu gostava de realçar a importância que a nossa Freguesia teve e, acima de tudo, que esta revolução não foi uma revolução sem sangue. Perderam-se vidas na nossa Freguesia. Houve quatro elementos, quatro pessoas que estavam em frente ao edifício da PIDE e que eu gostava nesta cerimónia, de lembrar. São eles Fernando dos Reis, Fernando Giesteira, João Arruda e José Barneto. São essas quatro vítimas mortais e 150 feridos que houve em frente à sede da PIDE na nossa Freguesia, na António Maria Cardoso. -----

----- Importa recordar o 25 de Abril e assinalar que a guerra para conseguir a paz não é um processo que terminou a 25 de abril, continuou a 26 de abril, continua hoje todos os dias. -----

----- Bloquear as saídas políticas para a questão colonial resultou no derrube do regime, mas o derrube do regime não foi feito só pela via militar. A via civil foi a via que mais contribuiu para a estabilidade que nós encontramos hoje em Portugal. Importa recordar, que a memória não se perca e não se corra o risco de se voltar a cometer os mesmos erros. No nosso mundo existem atualmente 40 guerras, algumas que conhecemos porque estão mais perto de nós, porque estão geograficamente mais perto ou humanamente mais perto, como a guerra na Ucrânia ou como a guerra na Palestina. -----

----- Na realidade, existem dois mundos que nós tocamos e que degladiamos todos os dias. É um mundo totalitário e ditatorial que controla uma grande percentagem do nosso território e da população do nosso planeta, do planeta Terra, e um mundo que é o nosso, semelhante aos que estamos aqui presentes nesta Assembleia. -----

----- Escusado será recordar a frase de Churchill, “o pior de todos os mundos, de todos os regimes, excetuando todos os outros”. Segundo Henrique Monteiro, que é uma pessoa que eu muito prezo, parece-me inteiramente verdade que qualquer outro regime é pior do que o das liberdades e da democracia. Mas se a liberdade e a democracia deixarem de existir como hoje conhecemos, atrativas para a maioria das pessoas, o que podemos fazer?

----- Neste modo de conclusão, não posso deixar de chamar a atenção para uma preocupação em Portugal. Recentemente, no último processo eleitoral, nas legislativas de 2024, as mais participadas desde 2005, votaram 59,84%, aproximadamente seis milhões e meio de habitantes dos dez milhões de habitantes que nós temos em Portugal. Onde um partido, e que fique aqui para todos os membros presentes e que acreditam na democracia, que estão aqui por Abril, que não se pode esquecer que há um partido que é antissistema. Na minha opinião, sinceramente, não é um partido nem de direita nem de esquerda, mas é um partido antissistema. -----

----- Esse partido antissistema teve 1.169.836 votantes. Inacreditavelmente teve 18,0% dos votantes a votarem nesse partido para ter 50 membros na nossa Assembleia Nacional. E se nós hoje que comemoramos, ainda que antecipadamente, com três dias de antecipação, aqui orgulhosamente o 25 de Abril, temos uma razão para nos preocupar. É que o futuro carece de muita atenção e cuidados redobrados para mantermos a democracia jovem e a liberdade e a igualdade são fundamentais ao desenvolvimento e ao crescimento social e económico da nossa sociedade e da nossa economia. É fundamental manter a atenção e é fundamental manter a coerência da nossa democracia. -----

----- Muito obrigado.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia:** -----

----- Muito obrigado a todos os Membros que enaltecem o espírito de Abril e aquilo que hoje se traduz, como identifiquei no início, na liberdade. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta:** -----

----- Senhor Presidente da Assembleia, Mesa, Senhores Membros da Assembleia de Freguesia, caros Membros do Executivo da Junta, população presente. -----

----- Em primeiro lugar quero felicitar o Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia por esta iniciativa de assinalarmos numa sessão própria, solene, tanto quanto possível, os 50 anos de 25 de Abril. Penso que é a primeira vez que está a acontecer tal e, de facto, seria impensável não termos este gesto individual na Freguesia onde tudo aconteceu, onde aconteceram os momentos mais decisivos do 25 de Abril. Portanto, quero agradecer esta sua iniciativa. -----

----- Quer o destino que eu devo ser a pessoa aqui presente que viveu antes e depois do 25 de Abril, em plena posse de direitos políticos, em plena posse de atividade política. Tal como milhares de jovens da minha geração estive no estrangeiro, tive que fugir para o estrangeiro, fui dirigente associativo, tive a PIDE em casa e sei muito bem o que é estarmos privados da liberdade.-----

----- Sei muito bem, como aqui foi referido, estarmos sentados à mesa do café mais três ou quatro e vemos um cidadão sentar-se ao lado e a querer puxar a cadeira para estar ao pé de nós para ver o que é que se dizia. Sei muito bem o que é não poder comprar livros que a gente gostava de ler e que ouvia falar que lá fora existiam e que aqui não se podia comprar. Sei muito bem o que é não poder ir ao cinema ver filmes que gostaríamos de ver e, quando passavam alguns, vê-los todos truncados porque estavam cortados a meio, às vezes nem se percebia a história. -----

----- Sei muito bem tudo aquilo que aconteceu e sei muito bem o que é estarmos privados da liberdade e é pena que hoje em dia não haja uma cadeira nas escolas do ensino primário, ainda são os meus termos antigos, do primeiro ciclo, para se explicar o que é a liberdade e aquilo que nós conseguimos alcançar com o 25 de Abril. -----

----- De facto, o direito à liberdade, a privação da liberdade foi porventura a principal consequência que uma geração como a minha e que influenciou as gerações seguintes sofreu e muitas vezes habituarmos a viver em liberdade é algo que, mesmo 50 anos depois do 25 de Abril, por vezes ainda é difícil porque estamos aqui, apesar de tudo, todos formatados, pelo menos os mais antigos, do que foram os 48 anos antes. -----

----- Mas Senhor Presidente, recordar o 25 de Abril em primeiro lugar é recordar as grandes conquistas que o 25 de Abril trouxe ao povo português. A primeira, sem dúvidas nenhuma, foi o fim da guerra colonial. Milhares de jovens morriam, essa estimativa está feita por académicos, por estudiosos, nos arquivos. Morreram cerca de 10 mil jovens portugueses na guerra colonial, 45 ou 50 mil ficaram estropeados e, do lado de lá, entre aspas, do lado da população civil, do lado das populações africanas, estima-se que entre militares e civis, cerca de 80 mil a 100 mil pessoas também morreram. -----

----- Portanto, esta foi a primeira conquista, que foi acabar com a guerra colonial. Para nós, jovens que tinham que ir para a guerra, interrompiam a sua vida durante quatro anos, alguns até tinham comissões de serviço renovadas, interrompiam a sua vida e depois voltavam, se tivessem a sorte de escapar sem ferimentos, voltavam com traumas já muito desinseridos na sociedade. Essa foi a primeira conquista que eu queria aqui realçar. ----

----- Se por acaso nada mais tivesse acontecido, tinha valido a pena fazer o 25 de Abril para acabar com a guerra colonial, uma guerra injusta, uma guerra que só matava jovens e que só os lançava para uma situação de desespero. -----

----- Em segundo lugar queria referir que a segunda conquista do 25 de Abril foi a libertação dos presos políticos. Eu também tinha familiares presos em Caxias e em Peniche e a libertação dos presos políticos foi, porventura, o momento em que todos nós compreendemos que isto ia mudar. Foi a libertação dos presos políticos, que já foi uma imposição popular, porque não estava no programa do MFA libertar todos os presos políticos. -----

----- A terceira grande conquista, que é inerente a esta ou esta inerente à primeira, foi de facto termos alcançado a liberdade e a democracia, um bem ímpar. Já aqui foi citado, eu gosto muito de dizer isso, até em trabalhos académicos que fiz, a democracia é o pior dos regimes depois de todos os outros. -----

----- De facto, estarmos em liberdade, estarmos em democracia, estarmos aqui a dizer o que pensamos sem medo de perseguições, sem medo de consequências sobre o trabalho, sem medo de consequências sobre a nossa família, sem medo de consequências sobre a nossa liberdade, o direito à liberdade, sem medo de podermos ser presos, é outra conquista irreversível, esperamos todos nós, mas que tem que ser acarinhada e tem que ser exaltada. -----

----- O 25 de Abril trouxe a liberdade a todas as pessoas do nosso país e isso é algo que, de facto, para além do fim da guerra colonial, é de facto a principal conquista. -----

----- A terceira de grande alcance do 25 de Abril, e já aqui foram ditas muitas das coisas positivas que aconteceram, mas permitam-me que refira, porque é aquela onde as pessoas

têm mais confiança, é de facto o poder local. O poder local foi a grande conquista do 25 de Abril, do pós-25 de Abril. O poder local aproximou as pessoas dos políticos, o poder local é a primeira instância de contacto entre o cidadão e a política e o poder local resolve problemas. Umas vezes melhor, outras vezes menos bem, mas resolve problemas. Independentemente da força política que esteja à frente da respetiva autarquia, em regra o poder local respondeu aos problemas da época dos cidadãos. -----

----- Talvez muitas pessoas, os mais jovens, os que não viveram naqueles tempos, não se recordem. Mais de metade do nosso país não tinha acesso a água potável, não tinha acesso a saneamento básico, não tinha acesso a eletricidade, isso foram tudo conquistas do poder local, conquistas irreversíveis, esperamos todos nós, e que permitiram depois avanços noutras áreas. Portanto, isto também é uma nota que eu queria aqui realçar. -----

----- Quando me perguntam qual foi a maior conquista do 25 de Abril, para além da liberdade, do fim da guerra, eu digo o poder local. O poder local é a maior conquista. Os governos passam, podem ser muito bons ou muito maus, assim-assim, péssimos, mas o poder local, em regra, tem correspondido às expetativas dos cidadãos e essa é talvez uma marca que perdura na nossa sociedade e certamente continuará a perdurar. -----

----- Depois, é evidente, há marcas que só eram possíveis com o 25 de Abril, o Serviço Nacional de Saúde. O Serviço Nacional de Saúde só era possível com o 25 de Abril e pode estar mal agora, com tantas complicações, com tantos problemas, mas a verdade é que mesmo hoje em dia os cidadãos, quando estão muito atrapalhados num caso de vida ou de morte, vão para o sistema, vão para o Serviço Nacional de Saúde, não vão para o serviço particular de saúde. Esta é uma marca indelével do 25 de Abril e que também queria deixar aqui bem realçado. -----

----- Claro, o 25 de Abril não nos trouxe a felicidade eterna e o 25 de Abril ainda está por cumprir em muitas áreas, claro que sim, Claro que há muito por fazer, quer de antigos problemas, quer de novos problemas. O 25 de Abril ainda não conseguiu resolver a equação do direito à liberdade económica e da justa distribuição da riqueza. Claro que não. -----

----- É preciso nós termos em consciência que nesta área temos de continuar a trabalhar, na pluralidade das opiniões políticas, dos partidos políticos, porque enquanto não houver uma justa distribuição esta componente do 25 de Abril ficará por cumprir e, portanto, é importante que nós tenhamos essa consciência. -----

----- É evidente que já não estamos como estávamos antes do 25 de Abril. Já não há a pobreza miserável generalizada como havia antes do 25 de Abril. Demos passos gigantescos, mas a distribuição da riqueza ainda não está justa, ainda não está consagrada e é algo que nos deve questionar todos os dias para que possamos cada vez ser mais conectados com o espírito do 25 de Abril. -----

----- A questão da habitação, é inaceitável que ainda estejamos no ponto onde estamos e, portanto, este ainda é um projeto de Abril que não foi cumprido e temos todos que trabalhar e continuarmos empenhados para também encontrarmos aqui uma justa solução para esta questão e para este problema. Este é outro ponto que eu queria deixar aqui, que entendo que o 25 de Abril ainda não está. -----

----- Mas o que mais me preocupa verdadeiramente é a perda de memória de muita gente ou a falta de conhecimento em relação ao passado. De facto, um povo sem memória, um país sem memória, não será um país com grande futuro e a nossa memória vai para honrar, naturalmente, em primeiro lugar os militares que fizeram o 25 de Abril, porque eles interpretaram a vontade do povo, claro que sim, mas se não tivessem tido a coragem também física de o fazer, de arriscar... a Junta de Freguesia, neste âmbito de 50 anos, tem promovido, infelizmente não tive a honra de ter a presença de Membros da Assembleia de Freguesia praticamente, um conjunto de conversas a que chamou “conversas livres”

na nossa galeria. Tivemos já lá quatro capitães de Abril. Nem todos disseram a mesma coisa, o que é normal, mas não há dúvidas nenhuma que eles foram de uma coragem extraordinária para fazer o 25 de Abril e quando saíram naquela noite não sabiam se iam voltar, nem sabiam o que iria acontecer às suas famílias. Isto é algo que importa aqui realçar. -----

----- Ainda no passado sábado o Hermínio Martinho, que foi um militar de Abril muito próximo do Salgueiro Maia e o Carlos Beato, que foi adjunto, que foi chefe de pelotão da companhia de Salgueiro Maia. Salgueiro Maia não chefiava um pelotão, chefiava uma companhia, diziam que seguiam cegamente Salgueiro Maia e que Salgueiro Maia num momento crucial arriscou tudo, ou morria ou havia a revolução. Arriscou tudo.-----

----- Aqueles homens que estavam com ele, estavam disponíveis para morrer com ele e acompanharam-no até ao fim, sobretudo naquele momento decisivo em que ele teve o diálogo com o general, já não me lembro o nome, que chegou com os tanques ali do lado da Praça do Município e que deu ordem de fogo. Nós temos que perceber que o 25 de Abril teve heróis individuais, mas teve por trás de si uma resistência fantástica e essa resistência também tem que ser honrada. Quer do Partido Comunista, quer dos republicanos, quer de intelectuais tantos que surgiram e tiveram a coragem de escrever coisas desagradáveis, quer de Sá Carneiro que na Assembleia da República teve também um papel, naquela altura eram designados pela ala dos namorados, teve um papel fundamental também para o desgaste da imagem do regime a nível internacional. Mário Soares, que com o seu livro Portugal Amordaçado criou também aqui um facto político novo, quer também dos movimentos radicais de extrema-esquerda, onde aliás eu me inseria antes do 25 de Abril. -----

----- Tudo isso foi importante. O movimento estudantil também foi importante. Se não houvesse a pujança do movimento estudantil, porventura os oficiais milicianos não teriam ido para a tropa tão politizados como foram. -----

----- Antes de chegar ao 25 de Abril há um passado fantástico de resistência à ditadura, uns mais eficazes do que outros, uns porventura até mais inteligentes do que outros, mas foi fundamental esse passado e foi fundamental que isso tenha acontecido e nós temos sempre o dever de honrar, de prestar homenagem, independentemente de concordarmos ou não concordarmos com a posição em concreto de cada um sobre o que acontece agora ou sobre o que pensa agora, mas temos esse dever de honrar quem trabalhou para que houvesse o 25 de Abril. Centenas de operários, de camponeses, de republicanos, de advogados. -----

----- Ainda há dias na Caminhada da Liberdade parámos ali em frente ao Tribunal da Boa Hora e eu recordo-me do papel importantíssimo que os advogados de defesa dos presos políticos tiveram ao fazer a defesa desses presos, porque naquela altura no tribunal plenário podiam falar, aí não se podia cortar a palavra. Eu recordo-me de Salgado Zenha a defender Francisco Martins Rodrigues, porventura muitos não sabem quem foi, ou tantos outros a fazerem discursos perfeitamente demolidores para o regime e ali estava a imprensa estrangeira que depois fazia eco. -----

----- Portanto, o 25 de Abril foi uma obra coletiva do povo português que teve heróis destemidos sem os quais não teria sido possível e, claro, teve um epílogo, apesar de ter havido sangue à porta da PIDE, teve um epílogo comparado com muitos outros golpes de Estado muito feliz e transformou-se numa verdadeira revolução porque transformou radicalmente o regime e acabámos com uma ditadura fascista, corporativa, para passarmos para uma democracia que teve os seus altos e baixos e continuará a ter os seus altos e baixos e isso faz parte da vida democrática. -----

----- Hoje em dia atravessamos um momento delicado, não seria imaginável que uma força populista, uma força populista radical de direita... a minha costela de cientista

político não me permite dizer que são fascistas porque os fascistas tinham uma teoria e estes não têm teoria, estes têm a conversa de qualquer ralé ou de qualquer bêbedo que diz num café e que depois ampliam e transformam num facto político e transformam numa onda, mas que aliado ao poder mediático dos média e das redes sociais completamente inquinadas, conseguem construir uma narrativa que põe em perigo a própria democracia. ----- É um combate difícil de fazer, porque as pessoas alimentam-se mais da ignomínia, da mentira, da malícia, da maledicência, deliciam-se com os perfis falsos, deliciam-se com as notícias bombásticas e tudo isso tem corroído a nossa sociedade e que culminou de facto com cerca de um milhão de portugueses, um bocado mais, a terem votado neste partido e o que deve deixar sérios motivos de preocupação. -----

----- Como Presidente de Junta entendo que o caminho é estreito, é fundamental que os políticos eleitos continuem a cumprir com aquilo que prometeram eleitoralmente. É fundamental que os políticos eleitos sejam honestos, transmitam essa honestidade para o exterior e tenham a capacidade de ouvir as pessoas e tenham a capacidade de saber interpretar aquilo que as pessoas pensam, não para fazer exatamente aquilo que as pessoas querem senão qualquer dia estamos aí todos a aplicar uma pena de morte qualquer que um referendo qualquer decidiu, mas a interpretar o sentimento geral. É esse o conceito de democracia representativa e fazer o melhor possível para cumprir aquilo que prometam.

----- Mas também é verdade que precisamos de enfrentar este perigo noutros palcos e porventura também na rua, não para andarmos à batatada porque isso significa porventura também aquilo que eles desejam, mas para demonstrar que somos capazes de ter força, de ter gente ao nosso lado que são pessoas decentes, que apesar de não pensarem todos exatamente a mesma coisa querem viver em liberdade, em democracia, em respeito pelo outro, independentemente da sua raça, do seu credo ou religião, da sua orientação sexual, das suas preferências, seja de que tipo for, porque nós estamos de facto a caminhar para um período bastante estranho nessa matéria.-----

----- Aquilo que todos nós poderemos e deveremos fazer enquanto autarcas eleitos é defender as nossas convicções com respeito pelo outro, percebendo que ninguém é dono da verdade ou que ninguém tem totalmente razão. Se nós tivermos esta postura, porventura conseguiremos dar passos em frente e enfrentar os populismos que são de facto perigosos e que estão aí a afirmar-se. -----

----- Na nossa Freguesia, felizmente, os resultados eleitorais indicam que as forças populistas não são a segunda força política, mas já foram a quarta e isso deixa-me relativamente preocupado em relação ao futuro e só tenho uma resposta, temos que continuar a trabalhar convictamente para ir resolvendo os problemas das pessoas e enquanto autarcas saber interpretar que o problema de cada um é para ele o problema mais importante, o problema de cada um é para essa pessoa o problema mais importante e temos que saber interpretar isso e temos que saber interpretar as dificuldades e sabê-las resolver tanto quanto possível, ou saber pelo menos informar e dar uma resposta. -----

----- Contem, naturalmente, com este Executivo para continuarmos neste combate em defesa da liberdade, da democracia, por mais justiça social aqui na Freguesia, pelo combate ao direito à habitação, certamente como nós também continuaremos a contar com todas as forças políticas presentes nesta Assembleia de Freguesia, com os seus princípios democráticos, com os seus valores, com a sua postura crítica, construtiva já agora, mas com a sua postura crítica para que todos nós possamos dar o nosso contributo para uma sociedade melhor. -----

----- Viva o 25 de Abril! 25 de Abril sempre! -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia:** -----

----- O Movimento das Forças Armadas escolheu na noite de 24 a 25 a rádio, que era a forma mais democrática de todos em Portugal e nas colónias sentirem e saberem aquilo

que estava a acontecer. Salvo erro através do Leite Vasconcelos, não à meia ou à noite, que era a hora que inicialmente estava prevista, mas à meia-noite e 19/meia-noite e 20 tocou uma música que quase todos nós associamos ao 25 de Abril e que, se me permitem, era a forma como eu desejava terminar esta reunião, pedindo que ela tocasse e depois, se possível, cada um de nós continuar a viver o espírito de Abril e a defendê-lo fora destas paredes. -----

----- Muito obrigado e até breve.-----

----- (Neste momento tocou Grândola Vila Morena) -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** deu por encerrada a reunião, eram vinte horas e quinze minutos.-----

----- O PRESIDENTE-----